

**Discurso proferido pela Des<sup>a</sup> CEZARINETE ANGELIM, por ocasião de sua posse no cargo de Coordenadora dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais**

É preciso e urgente que assumamos a condição cívica de nossa cidadania, no que refere, especificamente, a distribuição concreta dos princípios e normas da justiça social.

As circunstâncias desta fase de gigantescas mudanças e opções das classes e segmentos estruturais da sociedade, se constituíram em matéria para reflexão e posições deste e dos demais poderes estatais, no que se refere ao seu desempenho profissional.

A OMISSÃO, que é o nome próprio da INDIFERENÇA e do descaso, é inconcebível, quando há busca e procura, pela plenificação do direito e da justiça.

A responsabilidade do Poder Judiciário cresce e se avoluma, a medida que, à sua jurisdição, estão afetos problemas vitais da sociedade, notadamente, daquela mais esquecida e excluída da gestão dos órgãos governamentais.

Com satisfação pessoal e profissional, tenho o privilégio de exercer uma função judicial que se identifica com a minha formação jurídico-social e com a minha opção pela implantação da justiça, que seja sensível e pronta no atendimento, sem discriminação ou inconfessos privilégios.

Agradeço a honra que me leva a esse momento, assegurando que empenharei todos esforços, contando, notadamente, com o apoio dos Excelentíssimos Senhores Juízes de Direito destes Juizados, Juízes leigos, Conciliadores e abnegados serventuários da justiça, cuja solidariedade de cidadãos compromissados em apoiar e participar efetivamente, da construção de uma civilização, onde prontifiquem valores e padrões de respeito e defesa dos postulados do Direito e da Justiça.

A presença, neste ato, do Excelentíssimo Senhor Presidente de nosso Tribunal e de Membros do Poder, fala bem alto de que há uma séria determinação do judiciário em solicitar estes Juizados e torná-los, como efetivamente já são, instrumento poderoso e eficaz da justiça, em nosso Estado, ampliando-se o conceito de modernidade e excelência dos serviços aqui prestados, sem olvidar, que **DIREITO NÃO TEM TAMANHO.**

Cabe-me a imensa honra, e igual responsabilidade, de assumir a Coordenação dos juizados Especiais Cíveis e Criminais do Estado do Acre. A honra consiste em chegar ao ápice da carreira da magistratura estadual e me reencontrar, logo no seu segundo ano de exercício, com o modelo de Justiça que implantei em meados de 1995, cuja influência na minha jurisdição foi decisiva.. A responsabilidade está em coordená-los, o que representa neste momento, após quase dezoito anos, verdadeiro desafio.

Sucederam-se muitas mudanças. Mas na essência, o que a sociedade espera do juiz, são os mesmos predicamentos. Nas palavras de Edgard de Moura Bittencourt<sup>1</sup> *“do conjunto de virtudes (algumas das quais apenas aparentemente incompatíveis entre si), como a independência, a humildade, a coragem, o altruísmo, a compreensão, a bondade, a brandura, de trato de par com a energia de atitudes, o amor ao estudo e ao trabalho, - dimana a personalidade positiva do juiz. A elas, como é óbvio, não adiciono a honestidade, que não é virtude, senão mero ponto de partida, essencial como o diploma ou a capacidade civil: o desonesto pode estar vestido com uma toga, que não cobrirá um magistrado mas uma repelente ferida social e moral”*.

Entretanto, ao juiz moderno não basta decidir bem. Na carreira ele exerce também as funções de administrador, seja como corregedor de sua Vara até a presidência do Tribunal. Este seu papel, essencial para a eficiência da Justiça, raramente é lembrado. O tema não faz parte do currículo das Faculdades de Direito, do programa dos concursos públicos. É como se fosse algo menor, paralelo, inexpressivo parceiro diante das discussões de teses jurídicas. Ser administrador, este é o papel que me cabe ao assumir esta coordenação. A tarefa é árdua, mas não me intimida. Elo contrário. Abraço-a com todas as forças do meu coração, porque aqui se encontram a “menina dos meus olhos”. Aceito o desafio com grande disposição física e espiritual.

---

<sup>1</sup> Bittencourt, Edgard Moura. *O Juiz*. São Paulo, Ed. LEUD, 2<sup>a</sup> ed., 1982, p. 30.

Na busca de excelência tenciono aproveitar todas as experiências exitosas realizadas por órgãos do Poder Judiciário de todo o país e também as técnicas de administração da iniciativa privada. Nenhuma boa idéia será desconsiderada.

As mudanças avançam firmes. Se elas não forem feitas por nós, serão feitas, sem nós e o que é pior, contra nós.

Porém, é preciso ir buscar parcerias para melhor prestação dos serviços jurisdicionais. Penso que todos somos responsáveis, como autoridades ou cidadãos. No momento em que compactuamos, em que nos omitimos, somos responsáveis diretos pelo insucesso.

O Poder Judiciário está atento à mudança dos tempos e plenamente disposto a cumprir a parte que lhe cabe.

Encerrando, se me fosse possível encontrar o argentino Jorge Luiz Borges, a ele diria que li e adorei seu poema *Instantes*, principalmente no trecho em que afirma:

*“Se eu pudesse começar a viver, começaria a andar descalço*

*No começo da primavera e continuaria assim até o outono.*

*Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres.*

*E brincaria com mais crianças, se tivesse outra vez uma vida pela frente.”*

Para não esquecer a transitoriedade da vida e a certeza de que todas as glórias são vãs, eu trago aqui, as palavras de GABRIEL GARCIA MARQUES, em sua Carta de Despedida:

“Se, por um instante, Deus se esquecesse de que sou uma marionete de trapo e me presenteasse com um pedaço de vida, possivelmente não diria tudo o que penso, mas, certamente pensaria tudo o que digo.

Daria valor às coisas, não pelo o que valem, mas pelo que significam.

Dormiria pouco, sonharia mais, pois sei que a cada minuto que fechamos os olhos, perdemos sessenta segundos de luz.

Andaria quando os demais parassem, acordaria quando os outros dormem. Escutaria quando os outros falassem e gozaria um bom sorvete de chocolate. Se Deus me presenteasse com um pedaço de vida vestiria simplesmente, me jogaria de bruços no solo, deixando a descoberto não apenas meu corpo, como minha alma.

Deus meu, se eu tivesse um coração,  
escreveria meu ódio sobre o gelo e  
esperaria que o sol saísse.

Pintaria com um sonho de Van Gogh  
sobre estrelas um poema de Mário  
Benedetti e uma canção de Serrat seria a  
serenata que ofereceria à Lua.

Regaria as rosas com minhas lágrimas  
para sentir a dor dos espinhos e o  
encarnado beijo de suas pétalas.

Deus meu, se eu tivesse um pedaço de  
vida!...

Não deixaria passar um só dia sem  
dizer às gentes- te amo, te amo.

Convenceria cada mulher e cada homem  
que são os meus favoritos e viveria  
enamorado do amor.

Aos homens, lhes provaria como estão  
enganados ao pensar que deixam de se  
apaixonar quando envelhecem, sem  
saber que envelhecem quando deixam de  
se apaixonar.

A uma criança, lhe daria asas, mas  
deixaria que aprendesse a voar sozinha.

Aos velhos ensinaria que a morte não  
chega com a velhice, mas com o  
esquecimento.

Tantas coisas aprendí com vocês, os

homens...

Aprendí que todo mundo quer viver no cimo da montanha, sem saber que a verdadeira felicidade está na forma de subir a escarpa.

Aprendí que quando um recém-nascido aperta com sua pequena mão pela primeira vez o dedo do pai, o tem prisioneiro para sempre.

Aprendí que um homem só tem o direito de olhar um outro de cima para baixo para ajudá-lo a levantar-se.

São tantas as coisas que pude aprender com vocês, mas, finalmente não poderão servir muito porque quando me olharem dentro dessa maleta, infelizmente estarei morrendo.”

A cada um, em especial, o abraço e o meu cumprimento, muito cordial.

Juntos e coesos, estamos a serviço de grande e meritória causa social.

Muito obrigada!

